Ano 16.º — Sabado, 26 de Janeiro de 1924 — N.º 812

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

O clericalismo e a Escola

Tem-se ultimamente intensificado por parte do clericalismo, quer pelos seus reconhecidos elementos quer por quantos, disseminados, se encontram a dentro dos proprios partidos do regimen, o ataque decidido e aberto á Lei da Separação.

Lei essencialmente basilar; lei que pela consignação do seu texto, em taxativas determinações, tem fatalmente de ser cumprida, o clericalismo emprega todos os processos tendentes a derruir—podemo-lo dizer, por vergonha nossa—o ultimo obstaculo para que a Republica seja apenas uma monarquia de chapeu alto!

Não nos iludâmos, tanto mais que os partidos do regimen, que miseravel e traiçoeiramente teem consentido nas brechas já abertas nesse estatuto, pouco a pouco tem transigido com todas as propostas retrogradas e stultas que, não só a este respeito, como a tantos outros, tem vindo do campo adverso.

Serenada um pouco a ultima investida a proposito da liberdade de ensino religioso nas escolas, já de novo se manifestam sinais doutro ataque e não estranharemos que das proprias bancadas ministeriais surja qualquer paladino a dizer-nos que a liberdade é uma e que tudo será honra e magnanimidade para as instituições, rasgando o seu codigo e deixando que as *cocottes do bon Dieu* de novo façam concorrencia as actuais *cocottes á la diable* e o professor perca o melhor do seu tempo ensinando a rezar e explicando os famosos misterios da Santissima Trindade!!!

Não pode ser; e, se um dia a fatalidade levar o país ao consentimento de tal medida, quando a Escola deixar de estar integrada na sua verdadeira função—absolutamente desligada do ensino religioso—terá caído sobre a nossa sociedade um dos maiores males que a pode atingir, porque ele representará uma grave violencia praticada sobre a consciencia colectiva da Nação.

«A escola – diz um dos mais doutos pedagogistas contemporaneos—mira á sociedade, á prosperidade terrena; a religião ao céo, á felicidade de além-tumulo.

Como identificar ou aproximar institutos, que o desenvolvimento da civilisação tornou tão diversos entre si?

Escola e Igreja são entidades autonomas, que devem coexistir na sociedade, segundo a razão dos proprios fins, e dos proprios meios diversissimos.»

Th. Baumers, director da escola em Bruxelas, na sua *La Moralee á l'Ecole*, diz:

«O dominio da consciencia é inviolavel.

Todo o homem tem o direito de pensar o que quizer, como quizer, porque a repressão é impossivel.

A liberdade de pensar implica com a liberdade de crêr.

Ninguem tem o direito de impôr a sua fé ou a sua credulidade aos outros.

O Estado não tem o direito de ensinar qualquer dogma, e o professor não pode fazer-se apostolo de qualquer evangelho.

A moral da escola deve ser essencialmente a moral da verdade, do direito, da justiça; esta moral ensina a eminente dignidade da pessoa humana. Permite ao homem a escolha entre todas ao crenças, e entre todos os sistemas, como lhe permite não escolher uma doutrina diferente da sua».

E, de facto, assim é.

Devemos dize-lo sem rodeios nem receios: nas escolas não pode encontrar logar conveniente senão aquele ensinamento moral em que se reflitam os nossos direitos, os nossos deveres como cidadãos—em toda a sua acção e relativas responsabilidades; em que se espelhem as nossas multiplices relações, como componentes da Nação e da familia humana.

E' para este campo exclusivamente que deve converger toda a obra da Escola.

Ora semelhante moral não é o caticismo de nenhuma diocese que a inculca, mas a civilisação e o aperfeiçoamento da época que a impõe.

A Historia fechou a narrativa das negras e sanguinolentas guerras religiosas, da inquisição e do fanatismo abrindo agora aos olhos das gerações de hoje as páginas belas e deslumbrantes da Liberdade, do Progresso e da Sciencia!

Benemerencia

Do sr. dr. Artur Pinto Basto, de Oliveira de Azemeis, recebemos para a entrevada Justa Salgueiro 3$00, como pensão dos mezes de janeiro e fevereiro, e mais 10$00 para, em sufragio da alma de Humberta Beça, entregarmos aos quatro sobrinhos do malogrado escritor, cujo pae tambem ha pouco faleceu.

Agradecemos em nome dos contemplados.

Tenhâmos fé!

Ora vamos lá a vêr isso.

O sr. ministro das Finanças, a quem os seus colegas do governo deram, assim como ao sr. ministro do Comercio, um voto de plena confiança para o enfrentar do problema cambial, encetou determinadas diligencias no sentido de fazer voltar á casa dos 4 ou 5, com estabelidade, a nossa divisa sobre Londres.

Se assim fôr e a ser verdade o que a respeito dos trabalhos financeiros do sr. dr. Alvaro de Castro dizem os jornais, não tardará a operar-se uma modificação bastante sensivel na economia do paiz, principalmente depois de conseguir o seu maximo objectivo, que é o equilibrio entre as receitas e as despesas do Estado para que não mais seja necessario recorrer ao desgraçado expediente dos aumentos da circulação fiduciaria com que tantos teem lucrado os especuladores, unicos que ainda o desejariam vêr repetido visto nada haver que possa saciar o seu feroz egoismo.

Tenhâmos fé!—ouve-se gritar. Não é por aí que o barco mete agua... Mas em todo o caso faça-se a vontade aos *patriotas*...

Tenhâmos fé!

Bombeiros Voluntarios

Passa hoje o 42.º aniversario da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios desta cidade, que comemorará a data realisando no seu vasto salão um baile familiar e ámanhã, ás 10 horas, um exercicio geral, disputando dois piquetes um premio de 50 escudos, oferta de um aveirense actualmente na America do Norte.

Cumprimentâmos, nas pessoas dos seus corpos gerentes, a benemerita colectividade á qual Aveiro deve muitos e desinteressados serviços, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Presidente da Republica

Acompanhado do chefe do governo e dos ministros do Interior e da Justiça, além da sua comitiva, deve passar na quartafeira na estação do caminho de ferro desta cidade, o sr. Teixeira Gomes, que, oficialmente, vai ao Porto tomar parte na comemoração do 31 de Janeiro, para que fôra convidado.

Como se sabe, foi no dia 31 de Janeiro de 1891 que a Republica teve, em Portugal, o seu primeiro baptismo de sangue na praça publica, travando combate com a realêsa, do qual saíu vencida, mas cheios de prestigio aqueles que, ardendo em fé patriotica, se lançaram na aventura, semeando a Ideia.

Dessa época estão ainda vivas duas simpaticas figuras do movimento, que muito padeceram após o malogro revolucionario, e que a historia aponta tambem como chefes militares — os tenente Coelho e alferes Malheiro, hoje coroneis.

O Democrata, vendo neles a encarnação da honestidade republicana, sauda-os e espalha sobre a campa dos que morreram ha 33 anos pela Democracia, regimen de moralidade, de justiça, de ordem e de trabalho, as flôres a que, pelo seu sacrificio, teem direito.

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

XIX

As investigações terminam devido á estranha atitude das auctoridades e das comissões politicas locaes

Publicada a primeira *nota oficiosa* das comissões politicas e alguns periodos do oficio que o ex-governador civil, Antonio Ferreira, dirigiu ao comissario de policia, Faustino de Andrade,—no jornal *O Debate*, de 17 de agosto, dirige ao sr. Director Geral de Belas Artes, o seguinte

Oficio

datado de 19 de agosto (fls. 270 e 271)

. . . .

«Publica o mesmo jornal (que juntei) parte de um oficio dirigido pelo governador civil ao comissario de policia, contendo as mais disparatadas afirmações, e arrogando-se auctoridade, que não possue, para sentenciar.

Da leitura atenta desses periodos depreende-se que não tenho o direito de esperar desses auctoridades o mais pequeno auxilio para o cabal desempenho da minha missão.

Qual a intenção que determinou a publicação de alguns periodos do oficio do governador civil ao comissario de policia? Ignora-a.

O que me fica é o direito de proclamar bem alto, que o acto do governador civil, praticado no momento em que estou sindicando o director do Museu, sr. Marques Gomes, sobre o qual recaem as mais graves acusações; no momento em que a policia estava realisando apreensões de objectos pertencentes ao Estado e vendidos *sem auctorisação legal*, pelo director sindicado, — fica-me o direito de proclamar bem alto que o governador civil, dentro da sua elevada missão, cumpriu com o seu indeclinavel dever:—socegou alguns dos seus governados que sofriam de insónias depois que as apreensões começaram.

Bem haja».

. . . .

Ao sr. Director Geral de Belas Artes dirigi este outro

Oficio

datado de 20 de agosto (fls. 274).

. . . .

«Infelizmente para o conservador do Muzeu, José de Pinho, *posso afirmar com segurança que em sua casa*, onde fui com testemunhas *e sua prévia auctorisação*, não existem belos moveis antigos e, *nenhuns*, nem bons nem maus nem antigos nem modernos, que *pertençam* ao Estado.

Consta de um auto.

Dispunha-me a proceder de igual modo com *todas* as outras pessoas atingidas pelas preversas, creio, «vozes do mundo».

Não o farei visto falhar-me o auxilio da policia, com que contava.

Que as responsabilidades vão a quem as tiver.

Não as tem o Ex.mo Ministro, nem V. Ex.ª, nem eu».

. . . .

O fecho destes oficios era o pedido instante para que me fôsse dada auctorisação para os publicar, auctorisação que não direi me foi negada, mas afirmo que, até hoje, não recebi.

* * *

Como consequencia natural e logica da publicação da *nota oficiosa* e de alguns periodos do oficio do governador civil, exarei no processo, seguidamente ao oficio datado de 19 de agosto, o seguinte despacho:

«Enviado o oficio rétro, faça conclusos os autos, afim de extrair os artigos de acusação, forçado como sou, pela atitude do governador civil, do comissario de policia e das comissões politicas locais—a terminar com as investigações». (fls. 271 v).

Este despacho é o pelourinho a que, para todo o sempre, ficam amarrados os defensores do arguido, — «bons republicanos» e «bons entendedores da sã politica», como se julgam, para honra dos que são simplesmente republicanos de convicções puras, firmes e inabalaveis.

(Prossegue no proximo numero)

João Machado de Mendonça

O correio acaba de nos trazer as mais lisongeiras noticias deste nosso amigo e antigo assinante no Japão, que, residindo em Yokohama á data do grande abalo scismo que destruiu a linda cidade do Oriente, poude sair incolume do tenebroso cataclismo bem como sua esposa, sete filhos, nora e neta, indo habitar para Kobe, séde atual do Hongkong & Shanghai Bank de que é empregado superior.

A pequena colonia portuguêsa, diz-nos João Machado de Mendonça, sofreu 24 baixas, perecendo só da familia Felix Ribeiro 13 membros. De resto, um verdadeiro pavor tudo quanto se passou, não havendo palavras que possam minuciosamente descrever a horrorosa hecatombe, das maiores até hoje conhecidas pelo numero de vitimas produzido e avultadissimos estragos materiaes de valor incalculavel.

O Democrata, felicitando vivamente o seu presado assinante e ilustre portuguès, faz votos para que todos os perigos hajam passado e o socêgo não mais seja alterado nesse verdadeiro ninho de amor que as circunstancias da vida obrigaram a reconstruir longe da Patria.

Imprensa

«A Plebe»

Pelo seu 14.º aniversario felicitamos este colega de Valença cuja função republicana muito honra os que nele colaboram sob a direcção de Alfredo de Barros.

Cumprimentos e que a crise que tanto nos assoberba o não force a mais suspensões do que as que ha sofrido.

LENINE

Desta vez é que não ha duvida: morreu o ditador russo, de quem a imprensa largamente se tem ocupado, pondo em destaque a grande capacidade de acção do eminente caudilho sovietista.

Dizem que tentou o impossivel por fazer estalar a revolução social, sabendo prèviamente que o camponez russo ainda não estava preparado para ela. Mas como outras opiniões existem que afirmam o contrario, segue-se que o tempo é que se hade encarregar de lhe fazer a devida justiça.

Um manifesto

Os empregados publicos republicanos dirigem-se, em manifesto, aos homens honrados de Portugal para lhes expor que a causa do descalabro financeiro em que a nação angustiosamente se debate não está unicamente no funcionalismo, mas sim em se deixar que as *forças vivas* e os *politicos desonestos* tripudiem á vontade sobre os nossos haveres, escamoteando-os, quando o dever moral do governo era fazer entrar nos cofres publicos os milhares de contos audaciosamente roubados e nas cadeias os ladrões de todas as categorias que se provasse serem cumplices do saque permanente a que o paiz tem estado sugeito.

Sim senhor. Tambem não deixa de ter razão o grupo de funcionarios republicanos que se insurge contra os governos que só vêem nos empregados publicos o mal de tudo isto.

Nada de cabeças de turco! Justiça, moralidade, energia e decisão é que se quer.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, Praça Marquez de Pombal—Aveiro.

Aos nossos assinantes

PEDIDO INSTANTE

A redacção de *O Democrata* em virtude das despêsas cada vez maiores que a sua publicação acarreta e tendo ainda em vista simplificar os serviços da administração de forma a com eles dispender o menos tempo possivel, resolveu d'oravante fazer a cobrança das assinaturas, no continente, duas vezes no ano, em meses certos—Janeiro e Julho.

Nesta conformidade vamos enviar para o correio os recibos de todas as assinaturas cujo semestre se iniciou ou esteja decorrendo. Póde ser que alguns assinantes façam reparo por terem ainda há pouco satisfeito os recibos que lhes foram endereçados. A esses diremos que não há razão para assim acontecer, porquanto, na sua maioria, todos que em Outubro e Novembro passados efectuaram pagamentos o fizeram até 31 de Dezembro, como poderão verificar.

Os que não tenham ainda pago o segundo semestre de 1923—e isso dá-se com alguns assinantes de Aveiro, especialmente—cobra-lo-hemos agora e, em Março, o 1.º de 1924 para deste modo acertarmos os lançamentos, sem os sobrecarregar, e atingirmos, ao chegar o mês de Julho, o fim que temos em vista par.. conveniencia dos que ao jornal dão, livre de quaisquer interesses, o concurso do seu trabalho.

***

Aos assinantes das colonias e estrangeiro continuâmos a solicitar que nos enviem as suas anuidades em carta registada ou pela forma que melhor lhes convier, tendo em vista que a assinatura para os primeiros custa actualmente 25$00 e para os segundos 32$50, isto em virtude do aumento que sofreram, no dia 1, as taxas postais.

Que todos nos atendam, pois, e, olhando ás despêsas elevadissimas a que obrigam hoje as publicações desta natureza, nos auxiliem para que o *Democrata* ainda possa ter mais algum tempo de vida, já que os pessimos governantes deste país persistem, por desonestidade ou por incompetencia, ou por ambas as coisas juntas, no proposito de o levarem ao abismo do qual dia a dia se vai aproximando a passos agigantados.

***

Acabamos de receber os titulos da cobrança de Aveiro e desvanece-nos a forma cativante como fomos atendidos por todos os assinantes.

Agradecemos-lhes muito reconhecidos.

Teatro Aveirense

Um grupo de academicos do 3.º ano da faculdade de sciencias da Universidade do Porto, que nos visitou, deu no sabado uma recita, sem entusiasmo, apezar de ser grande o numero de estudantes que enchiam a sala.

No fim deste mez ou principio do outro espera-se a vinda da companhia Alves da Cunha-Berta Bivar, com peças magnificas de modo a garantirem casas á cunha.

Já se marcam logares na Tabacaria Reis, aos Arcos.

O PÃO

Pela Companhia Nacional de Alimentação, com deposito nesta cidade, acaba de ser exposto á venda pão fino a 2$00 o quilo, recomendavel pelo seu fabrico, e que é o inicio duma larga expansão que se anuncia dos produtos a introduzir no mercado de Aveiro.

Mais de espaço nos havemos de referir ás novas e grandes instalações com que a Nacional se vai fixar ao cimo da Avenida.

«Almanaque de Fafe»

Oferecido pelo seu editor, o velho republicano e nosso presado amigo, sr. Artur Pinto Bastos, de *O Desforço*, chega-nos mais um exemplar da interessante publicação, ilustrada, correspondente ao ano de 1924, e que, sobre ser de apreciavel leitura, encerra conhecimentos de utilidade para toda a gente.

Ao estimavel fafense, que tanto amor vota á sua terra, não olhando a canceiras e removendo todas as dificuldades com o fim de a tornar conhecida, os nossos agradecimentos.

NECROLOGIA

Na antiga casa da sua residencia, em Esgueira, faleceu na madrugada de domingo, o sr. Anselmo Augusto Maria da Silva, engenheiro auxiliar de 2.ª classe, em serviço na Direcção das Obras Publicas deste distrito, viuvo, de 65 anos, victimado por uma lesão cardiaca que em poucos dias o aniquilou.

Empregado sabedor e zeloso, possuindo qualidades que o distinguiram, a sua inesperada desaparição foi geralmente sentida.

Ao funeral, que foi dirigido pelo sr. major Cunha e Costa, assistiu grande numero de amigos do extinto, conduzindo a chave do feretro o engenheiro, sr. Antonio Pinto.

***

Tambem com 85 anos de edade faleceu, segunda-feira, na sua quinta de Aguas Boas, concelho de Oliveira do Bairro, o sr. Henrique Ferreira Pinto Basto, viuvo, chefe dos serviços hidraulicos, aposentado.

O extinto, muito conhecido entre nós pela sua longa estada aqui, na respectiva repartição, mereceu sempre a consideração geral pelas suas qualidades de caracter e de funcionário.

A's familias enlutadas, os nossos sentimentos.

UM CRIME

O cabo Antonio Maria da Praça—cabo por ter pertencido á policia e da Praça por possuir um kiosque na Praça da Figueira—praticou agora mais uma das suas habituaes proezas, matando a tiros de pistola, no mercado onde tambem vendia hortaliças, a propria mulher, a quem acusa de adulterio.

Depois de dar entrada na prisão, o chefe do celeberrimo *grupo dos 13* mandou servir bolos com café a todos aqueles que já se encontravam a expiar culpas, mostrando deste modo a sua satisfação pelo acto cometido.

Sempre Lisbôa alberga cada féra!

Notas mundanas

Deve deixar brevemente Macau, onde ha muitos anos vem exercendo clinica, o nosso particular amigo e conterraneo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, que antes do seu regresso a Portugal tenciona empreender uma viagem de recreio e estado pela França e Alemanha, acompanhado de sua esposa.

Aveirense puro e companheiro dos bons tempos de estudante, cá o esperamos ansiosamente para o abraçar.

— Em consequencia dum parto prematuro guarda o leito a esposa do sr. Aurelio Costa, a quem desejâmos pronto restabelecimento.

— Fez na terça-feira anos o academico Antonio José Flamengo, filho do escrivão de direito, sr. João Luiz Flamengo.

Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro

Na sessão plenária, a Junta aprovou o contracto com o engenheiro sr. Craveiro Lopes para director das obras, resolveu pedir á Caixa Geral de Depositos um emprestimo de 300 contos para as reparações e trabalhos de urgencia e abrir concurso para o lugar de chefe de secretaria.

A Junta deliberou dar ao Molhe Sul da Barra o nome do engenheiro Luiz Gomes de Carvalho; ao Canal do Espinheiro o nome do engenheiro general Silverio Pereira da Silva, e ao Canal de S. Roque, na cidade, o nome de Gustavo Ferreira Pinto Basto, como homenagem aos ilustres homens a quem Aveiro deve assinalados serviços.

O contracto do engenheiro director das obras e a proposta do emprestimo foram submetidos á aprovação do governo.

Correspondencias

Costa do Valado, 24

No domingo teve logar um lusido cortejo de pastorinhas, que, partindo de S. Bento a entoar um lindo cantico, se dirigiu á capela, onde depoz as ofertas destinadas ao Menino Jesus e que durante o resto da tarde foram postas em praça, rendendo algumas mais de 80 escudos devido á luta travada entre os gulosos no largo reunidos para as disputarem.

Veio assistir á festa a musica nova de Fermentelos, que percorreu as principais ruas, sendo tambem avultado o numero de pessoas dos logares circunvisinhos atraídas á Costa e que lhe imprimiram desusado movimento.

— Sepultou-se na segunda-feira uma pequerrucha de 8 anos, filha de Ascenção Fernandes (Méca) a qual teve um funeral assaz concorrido, tomando parte nele os alunos das escolas primarias acompanhados dos respectivos professores.

C.

Oliveirinha, 24

Por causa duns boatos que teem corrido foi hoje feita no cemiterio a exumação do cadaver de Tereza Vieira, esposa do sr. Carlos Imaginario, para o efeito da autopsia, ordenada pela autoridade judicial.

O enterramento havia-se realisado ha um mez.

— No mercado dos 21 todos os generos expostos á venda sofreram alteração de preço, por onde se conclue que a vida se torna cada vez mais dificil—para alguns.

Estamos bem arranjados.

C.

Palhaça, 21

Em 1911 pedimos á Junta de então, de que fazem parte alguns membros da actual, para todos os meses apresentar ao povo da freguesia uma conta corrente da receita e despesa. Não fomos atendidos por razões que não vem para aqui, mas que poderemos dizer mais tarde. Pois nunca essa conta corrente foi tão precisa como agora.

A' Junta compete, com a cobrança do mercado por conta propria, fazer essa folha de conta corrente mensalmente e afixá-la em lugar publico para conhecimento dos interessados.

Será esta a maneira de resalvar responsabilidades que a Junta tem perante o povo da freguesia. E se a Junta está animada da melhor vontade em administrar bem o rendimento do S. Pedro, faça-o. Talvez, se tomar esta resolução, aproveite simpatias que a falta de tino ou a sua orientação lhe fez perder. E por que não hade a Junta fazê-lo?

Tem, ou quer continuar com segredos na contabilidade?

Para quê?

— Esperem um pouco os que dizem que nós nunca mais falamos sobre a vedação de um poço que existe no local da feira.

Mandámos para a *Alma Popular* um artigo que lá dorme o sôno eterno, visto que por ela principiamos a questão, em que, á falta de documentos, pediamos ao presidente da Junta expropriadora, sr. Domingos Ferreira da Silva, para nos dizer e aos leitores daquele jornal, as condições em que fez a expropriação e a quem de direito pertence a vedação do referido poço.

Não temos dados, não falamos. Olhem que havemos de ter grandes dôres de barriga para falar de quem quer que seja que tenha de fazer a referida vedação!

C.

Companhia Aveirense de Navegação e Pesca

Em liquidação

No dia 27 do corrente, pelas 2 horas da tarde, ha-de proceder-se á arrematação do predio da séde social, na Nova Avenida, do armazem do Canal de S. Roque e do resto do mobiliário existente naquele primeiro prédio.

As bases e condições da arrematação serão presentes no acto.

(114)

Declaração

Otilia de Lemos e sua irmã Natalia de Lemos Cravo, filhas do falecido Antonio de Lemos Junior, veem declarar que não autorisaram a publicação do anuncio inserto neste jornal para a venda da casa da Praça Luiz Cipriano nem tão pouco vendem a parte que do referido predio lhes pertence.

Aveiro, 23 de Janeiro de 1924.